

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO POR MEIO DA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA *CARRIE, A ESTRANHA* (1976)

Fernanda da Silveira (PIBIC/CNPq/FA/UEM), e-mail:
fernanda.silveira014@gmail.com, Solange Ramos de Andrade
(Orientadora/ANPUH/FA/UEM), e-mail: sramosdeandrade@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/ Departamento de História, PR.

História, História Moderna e Contemporânea

Palavras-chave: filme, representação, crenças

Resumo:

Situada no contexto norte-americano da década de 1970, a adaptação cinematográfica *Carrie, a Estranha* (1976), ganhou corpo nas telas do cinema pelas mãos do diretor Brian de Palma. A história da adolescente paranormal Carrie White é envolta por duas esferas de suma importância: o colégio, permeado pelas competições femininas e tradições festivas; e sua casa, onde vive com a mãe religiosa Margaret White, que justifica-se a partir de suas crenças e práticas e atribui ao poder da filha um caráter negativo. Partindo dessa fonte, o objetivo deste trabalho consiste em trazer à luz da ciência histórica uma discussão que compreenda a produção cinematográfica enquanto uma das maneiras de se representar uma realidade social e cultural construída a partir de referenciais cotidianos contextualizados, e que de mesmo modo, auxiliam o manuseio do historiador ao lidar fontes visuais. Nesse sentido, as articulações caminharão ao encontro das premissas da história cultural, elencando autores como Michel de Certeau (1982) e Roger Chartier (2002). Em função da problematização do filme como documento histórico, utilizar-se-á as propostas de Marco Napolitano (2008).

Introdução

O contexto norte-americano da década de 1970 é permeado por inúmeras conturbações no cenário político, econômico e cultural. Foi neste período que o horror adentrou sua corrente principal e levou a indústria hollywoodiana a produzir uma vasta gama de filmes imbuídos neste gênero.

Nessa conjuntura, Brian de Palma dirigiu a adaptação cinematográfica do romance homônimo do escritor Stephen King, trazendo à luz das telas Carrie White (Sissy Spacek), uma adolescente paranormal cuja história se desenvolve em dois polos: a casa, onde vive com a mãe religiosa Margaret White (Piper Laurie); e o colégio, permeado pelas tradições festivas e a competição feminina – é neste cenário que a jovem tem seus poderes paranormais incitados após sua menarca.

É partindo dessa narrativa fílmica e dos elementos contextuais nela representados, que objetivamos apresentar um panorama que compreenda o filme enquanto uma representação de uma dada realidade construída e situada historicamente. Contudo, para que tal análise apresente sentido, algumas considerações fazem-se imprescindíveis, uma vez que a ampliação dos documentos históricos se deveu ao edital dos *Annales*, publicado em 1988, convidando os historiadores a postularem suas críticas diante da crise geral das ideias na história (CHARTIER, 2002).

Nesse contexto de incertezas, a História Cultural emergiu renovando os documentos históricos e articulando determinados conceitos que, de mesma maneira, nos auxiliam a pensar o cinema enquanto uma representação do real, esbarrada no imaginário, no fictício, centrado na ambiguidade da imagem (PESAVENTO, 2008).

Dadas as circunstâncias, a discussão que perpassa essas páginas caminhará pelo viés de estudos da história das religiões e religiosidades, abarcando a relação da mãe, Margaret, e da filha paranormal, Carrie – além de outros conceitos como crenças e práticas. Sob esse novo olhar, desdobra-se, pois, uma das maneiras de compreender uma realidade que é dada a ler, ver, sentir e interpretar.

Materiais e métodos

O manuseio do historiador ao lidar com documentos audiovisuais assemelha-se ao de qualquer outro documento, uma vez que ambos necessitam de uma postura hermenêutica ao serem analisados. Quando o historiador se habilita a estudar as narrativas fílmicas, ele precisa compreender que estas vão além de uma simples ilustração da realidade. Marco Napolitano (2008) nos auxilia a compreender que:

Todo documento, incluindo os documentos de natureza audiovisual, deve ser analisado a partir de uma crítica sistemática que dê conta de seu estabelecimento como fonte histórica (datação, autoria, condições de elaboração, coerência histórica do seu “testemunho”) e do seu conteúdo (potencial informativo sobre um evento ou um processo histórico) (NAPOLITANO, 2008, p. 266).

Napolitano (2008) afirma que a armadilha do documento audiovisual reside na ilusão de objetividade que a imagem carrega em si. Desse modo, o filme nunca pode ser levado como um registro mecânico da realidade, uma vez que ele está submetido a uma equipe inteira de produção e a subjetividade daqueles que a produzem (NAPOLITANO, 2008).

Ao elencarmos uma narrativa cinematográfica em questão, ou até mesmo uma vasta gama de filmes situados em um mesmo contexto histórico, conseguimos tecer algumas considerações acerca da realidade social e histórica em que estão inseridos. Por *representação*, o historiador francês Roger Chartier (2002), articula o conceito como um instrumento mediador que faz ver um objeto ausente em uma imagem presente (CHARTIER, 2002). Aqui é possível articularmos também a ambiguidade

presente na imagem – o potencial de objetivação e a potência de subjetivação (PESAVENTO, 2008).

Nesse sentido, quando pensamos a obra em questão, *Carrie*, e analisamos por meio dela alguns elementos contextuais, somos facilmente guiados a atmosfera conturbada característica dos anos 1970, que prosperaram até a primeira metade da década posterior. Desse modo, por meio de uma bibliografia selecionada, é possível inferir algumas questões que nos auxiliam a pensar de que maneira o universo feminino é representado nessa obra do gênero horror.

Resultados e Discussão

Ao adentrarmos o universo de Carrie e mais especificamente a relação dela com a mãe religiosa, Margaret, conseguimos estabelecer um diálogo com a história das religiões e religiosidades, principalmente ao pensarmos as crenças e práticas da mãe, que ao se dar conta dos poderes telecinéticos da filha, atribui a eles um caráter negativo.

Michel de Certeau (1982), nos auxilia a pensar o conceito de crenças, quando, ao tratar deste, estabelece uma relação com as práticas. Nessa perspectiva, Certeau, pensando crenças enquanto práticas, afirma que estas funcionam como instrumento de diferenciação daqueles que creem e dos que não creem (CERTEAU, 1982).

Ao longo da narrativa, fica claramente explícito as práticas de Margaret, realizadas dentro do âmbito doméstico: aqui implica novamente as premissas de Certeau, que ao tratar das crenças, aponta também um deslocamento institucional. As crenças e práticas cotidianas não precisam, necessariamente, estarem ligadas ou serem relacionadas à uma instituição dogmática (CERTEAU, 1982).

Essas discussões permearam os primeiros caminhos a serem trilhados neste trabalho, e, de mesmo modo, ajudaram a construir uma discussão que visasse pensar as narrativas fílmicas também como um desdobramento de crenças e práticas cotidianas. Estas últimas, por sua vez, carregam consigo o poder das imagens em movimento, capaz de causar do público uma ilusão da consciência sem a perda de noção da realidade (MORIN, 2014)

Desse modo, para além das inúmeras discussões que pode-se fazer acerca da representação do universo feminino na obra – a maneira como a adolescente se comporta, se relaciona e é vista pelos demais personagens do filme; foi possível também pensar o contexto de produção e o cotidiano – que de acordo com Certeau (1982) é aquilo que nos prende intimamente, e, que da sua maneira, permite o olhar do historiador diante daquilo que a tela alude, representa.

Conclusões

Partindo das articulações supracitadas, conclui-se que por meio de uma metodologia específica e selecionada, torna-se possível compreender o filme enquanto documento histórico – uma vez que este representa uma realidade que se constrói a partir do cotidiano que o circunda. Por isso,

mesmo que um filme venha a representar um momento específico, ele sempre está intrínseco ao contexto histórico de produção.

À medida em que as discussões foram realizadas, o trabalho, que em um primeiro momento objetivava analisar o universo feminino e o horror dentro dessa narrativa fílmica, desdobrou-se até centrar-se no objetivo atual: pensar a narrativa como um desdobramento de crenças e práticas, de modo a ser compreendida pelo viés de estudos da História das Religiões e Religiosidades.

Nesse sentido, quando ampliamos a análise para além da personagem Margaret – uma americana religiosa que justifica-se sempre a partir dos preceitos de sua fé, também conseguimos pensar o contexto histórico norte-americano por meio da indústria hollywoodiana, que justamente por ser uma ficção, tangencia, em sua construção, o mundo dos sonhos, do não-visível e do não experimentado, tornando possível pensar, além do conceito de representação, o de imaginário.

Agradecimentos

É de suma importância agradecer, ainda que sucintamente, a possibilidade de realizar essa pesquisa, que deveu-se, em um primeiro momento, à minha orientadora Solange Ramos de Andrade – por confiar em mim e ofertar uma bibliografia que sem a qual, o trabalho não poderia ter sido realizado. Agradeço também ao Laboratório de estudos em Religiões e Religiosidades, por ofertar um espaço onde os alunos possam se encontrar e discutir as respectivas pesquisas.

Por último, e não menos importante, agradeço a Fundação Araucária, que por meio do fomento à pesquisa, possibilitou a realização deste trabalho e garantiu, de mesmo modo, a possibilidade de viajar e apresentar a pesquisa realizada em outras partes do território nacional.

Referências

- CARRIE (Carrie, A estranha). Direção de Brian de Palma e roteiro de Lawrence D. Cowen. USA: Metro-Goldwyn-Mayer Inc., 1976.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A beira da falésia** – A História entre Certezas e Inquietude. Porto Alegre, Editora da UFRS, 2002.
- MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Ensaio de antropologia sociológica. São Paulo: Editora É realizações, 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. **A história depois do papel**. IN: PINSKY, Carla (Org.). São Paulo: Contexto, 2008.
- PESAVENTO, Sandra. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. IN: **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. (Org): Pesavento, S. J; Santos, N.M.W; Rossini, M.S. Porto Alegre: Asterisco, 2008.